PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM SÃO LUIS/MA: quem são?

Marcia Fabiane dos Santos Nascimento[1]
Maria do Socorro Sousa de Araújo[2]

RESUMO

No presente texto, analisamos a questão de que a ausência de dados oficiais sobre a população em situação de rua no Brasil- expressão da questão social, configura-se como uma lacuna que inviabiliza a quantificação exata dessas pessoas e a implementações de políticas públicas efetivas, particularmente no contexto do Governo Bolsonaro e da pandemia da Covid 19.Apresentamos resultados de uma pesquisa que configura o perfil da população em situação de rua atendida pelo Centro Pop da região Central de São Luís/MA, realizada através de revisão bibliográfica e análise documental. Os dados demonstram que essa parcela da população é constituída, majoritariamente por homens, em idade produtiva, aptos para o trabalho, com baixa escolaridade, de raça/etnia negra, heterossexuais, oriundos de São Luís, que professam religião cristã e que antes do ingresso no Centro Pop não dispunham de acesso à programas ou serviços socioassistenciais. E ainda, possui um percentual expressivo de pessoas com deficiência.

Palavras-chave: População em situação de rua. Perfil.sócio econômico. Centro Pop/ São Luís/MA.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the question of the absence of official data about the homeless population in Brazil - an expression of the social issue, is configured as a gap which prevents the accurate quantification of these people and effective public policy implementations, particularly at the Bolsonaro´s Government context and the the situation of Covid 19 pandemic. We present results of a research that sets up the profile of the homeless population assisted by the Pop Center in the central region of São Luís/MA, carried out through a literature review and document analysis. The data show that this population is mostly made up of working-age man able to work, with low education, from black race/ethnicity, heterosexual, from São Luís, who profess the Christian religion and not have access to social assistance programs or services before entering at the Pop Center. Also, it has a significant percentage of people with disabilities.

[1] Assistente Social formada pela UFMA e Pós-Graduanda em Assistência Social e Saúde Pública.
[2] Assistente Social. Doutora e Mestre em Políticas Públicas. Pós-doutoramento em sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora lotada no Departamento de Serviço Social/UFMA, com exercício no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e no Curso de Graduação em Serviço Social/UFMA.

Keywords: Homeless population 1. Socioeconomic profile 2. Pop Center / São Luís / MA.

1 INTRODUÇÃO

A existência da população em situação de rua é um fenômeno antigo e multifacetado, que na contemporaneidade é explicado pelas profundas transformações ocasionadas pelo capitalismo, com a constituição intensa e contínua de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva.

No Brasil, a violência dessa expressão da questão social fica ainda mais acentuada no contexto atual de crise do capitalismo, e da configuração de uma dupla pandemia: a do bolsonarismo e a da Covid 19 (SANTOS, 2020).

O país vivencia uma barbárie que se expressa, particularmente, no desmantelamento dos direitos sociais e trabalhistas, no desmonte da Seguridade Social, que repercutem no aumento da pobreza extrema, da fome, do desemprego, do subemprego, e no acréscimo expressivo da população em situação de rua, em meio à infecção e morte massivas em decorrência da pandemia da Covid 19.

Nessa conjuntura do Brasil atual, destacamos a questão da população em situação de rua, que nem mesmo é recenseada, que aumentou consideravelmente no contexto da dupla pandemia e que não conta com aparatos suficientes no enfrentamento da doença, apesar de constituir-se um dos grupos populacionais mais vulneráveis à contaminação e óbito.

A população não domiciliada abarca um número crescente no país, particularmente no contexto da pandemia da covid 19. Segundo recente estudo, essa população aumentou 140% de 2012 a março de 2020, chegando a cerca de 222 mil pessoas nesse último ano (NATALINO, 2020).

Historicamente negligenciado, esse segmento é excluído das pesquisas oficiais, contraditoriamente, pela situação de rua vivenciada. O país não conta com informações oficiais sobre esse público há pelo menos treze anos, isto é, desde 2007/2008, período equivalente à realização da única Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua, que, apesar de trazer importantes informações, pode

não mais refletir, em sua totalidade, a dinâmica atual dessa população no território (NATALINO, 2016).

A ausência de dados oficiais atualizados sobre a população não domiciliada, prejudica o planejamento e a implementação de políticas públicas para esse público, o que contribui para a invisibilidade social dele. Na pandemia, a referida ausência é agudizada, e se expressa sob a forma de desconhecimento total da quantidade de pessoas nessa situação, quem são essas pessoas, do número de casos de infecção e óbito entre a população em situação de rua no país. E, ainda, pela possível subnotificação, uma vez que para quantificar as pessoas em situação de rua infectadas pela Covid-19 tem-se por base somente os equipamentos sociais de acolhimento, ignorando-se as pessoas que deles não fazem uso.

Diante dessa realidade, faz-se fundamental a realização de pesquisas que visem quantificar a população em situação de rua nos municípios das mais diferentes regiões do país, bem como traçar o perfil socioeconômico desse segmento, visando planejamento adequado e implementação de políticas públicas voltadas a essa população, particularmente no contexto da dupla pandemia.

No presente artigo, apresentamos dados relativos ao perfil socioeconômico da população em situação de rua atendida pelo Centro Pop/Centro em São Luís. Tais dados advém de uma pesquisa mais ampla, realizada com o objetivo de analisar a Proteção Social desenvolvida pela Política de Assistência Social para esse segmento populacional. A coleta de dados empíricos foi realizada no Centro POP/Centro em São Luís/MA, no que diz respeito à sua configuração, serviços prestados e perfil do público atendido; e, cujos dados originaram uma monografia de conclusão do curso de graduação em Serviço Social na Universidade Federal do Maranhão.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, particularmente, no tocante a identificação do perfil socioeconômico da população em situação de rua, realizamos revisão bibliográfica e análise documental, através da coleta de dados provenientes das fichas de cadastro geral da população em situação de rua catalogada como usuária do Centro Pop/Centro em São Luís/MA, a partir do seu primeiro acesso na instituição, nos anos de 2017 e 2018. No referido período, foram

realizados 549 atendimentos, tendo-se assim essa quantidade de fichas preenchidas pela equipe técnica de nível Superior – Assistentes Sociais e Psicólogos. Assim, realizamos a coleta dos dados de 100% do quantitativo aqui apontado.

Em São Luís existem dois Centro Pops. Contudo, a definição do Centro Pop do Centro como referência empírica de análise, deu-se em virtude de que essa referida Unidade de Referência é responsável pelo maior número de atendimentos às pessoas em situação de rua em São Luís, principalmente por estar localizado no centro da cidade, onde há maior concentração dessa população.

O presente ensaio teórico não apresenta o total de dados coletados, em razão dos limites impostos a um artigo dessa natureza. Por essa razão, apresentamos dados relativos à faixa etária, nível de escolaridade, sexo, orientação sexual, etnia/raça, local de origem, religião e acesso à programas ou benefícios socioassistenciais.

2 PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: perfil socioeconômico dos usuários do Centro Pop - São Luís/MA

Inicialmente, apresentamos os dados referentes à faixa etária das pessoas atendidas pelo Centro POP da região central de São Luís/MA, sendo assim, 37% (198 usuários), possui de 31 a 40 anos de idade; 28% (51 pessoas) possui de 21 a 30 anos e 25% (136 usuários) possui de 41 a 50 anos. Os menores quantitativos, por sua vez, equivalentes a 8% e 2%, referem-se aos usuários com idade de 51 a 60 anos e idades de 61 a 70 anos, respectivamente. Registramos que 10 das 549 fichas não continham essa informação.

A partir desses dados, percebemos que a idade ou faixa etária dos usuários do Centro Pop Centro é semelhante à evidenciada pela Pesquisa Nacional (2008), que identificou ser a população adulta em situação de rua formada majoritariamente por pessoas com idade entre 25 e 44 anos (53% da população entrevistada). Similitude encontrada na soma dos maiores percentuais da nossa pesquisa, 37% (198), 28%

(151) e 25% (136), de um total de 485 usuários, obtendo-se um número significativo (90%) de pessoas em idade produtiva, com exceções.

Dessa forma, é possível inferir que a situação de rua tem, de fato, relação direta com a desagregação progressiva das proteções ligadas ao mundo do trabalho (COSTA; SILVA, 2009), uma vez que os usuários, apesar de estarem em idade produtiva, encontram-se à margem do mundo formal de trabalho, compondo, portanto, a superpopulação relativa ou exército industrial de reserva nos marcos da sociedade capitalista.

Nesse sentido, o desemprego pode ser considerado um dos principais determinantes da situação de rua e, também, da manutenção dos sujeitos nela, uma vez que na situação de rua, as relações com o trabalho tornam-se ainda mais precárias, configurando-se essencialmente como informais ou sem continuidade (SILVA, 2009), sob condições perigosas e que mal permitem a sobrevivência imediata.

De acordo com Santos (2009 apud HONÓRIO, 2016), é provável que antes mesmo da situação de rua, os vínculos desse segmento com o mercado formal de trabalho já estivessem fragilizados/rompidos, realidade agravada na situação de rua, devido ao não atendimento das exigências feitas pelo mercado formal de trabalho, como a apresentação de documentos, comprovante de residência e/ou carta de referência, escolaridade e qualificação profissional.

Em relação aos aspectos relacionados à escolaridade, os dados da pesquisa revelaram que a maioria dessas pessoas, 61% (324), não completou o ensino básico; 15% (82) não concluiu o ensino médio; e que apenas 15% (79) concluiu o ensino médio. Tendo-se ainda os percentuais menores, correspondentes a 6% (30), da parcela não alfabetizada e 3% (17) incluída na categoria “outros”, formada por Semianalfabeto (1), com Ensino Médio Completo (2), Ensino Superior Completo (5), Ensino Superior Incompleto (8), Ensino Técnico (1). Registramos que das fichas analisadas, 17 não continham essa informação.

Diante disso é possível concluir que a maior parte dos usuários não saiu do nível básico de ensino, sabendo apenas ler e escrever. Fato que, de acordo com

Espínola (2010) e Escorel (2000), é explicado a partir da realidade de indivíduos de baixo nível econômico, que obrigados a trabalharem desde cedo para garantir o sustento da família, não conseguem combinar trabalho e estudo, o que resulta no abandono escolar.

Sobre esse aspecto, Hasenbalg e Silva (2003) observam que o abandono precoce da escola é um dos elementos que ajuda a explicar a desigualdade social no país, uma vez que quanto mais prematuramente a escola for abandonada, maiores são as desvantagens do indivíduo na disputa pelos recursos e posições distribuídos pela sociedade.

Em relação ao sexo dos usuários atendidos pelo Centro Pop Centro, os dados mostram que o público masculino é consideravelmente maior que o feminino, equivalendo a 85% (465) em detrimento de 15% (82), de um total de 549 usuários, dados compatíveis com os demonstrados pela Pesquisa Nacional que apontam ser a população em situação de rua formada predominantemente por homens.

De acordo com Silva (2009), esse fato pode ser explicado, no Brasil, a partir da cultura patriarcal e machista que estabeleceu papeis para o sexo feminino e para o sexo masculino, em que ao homem atribui-se a responsabilidade de sustentar a família, ser o provedor/chefe da família, e à mulher, o cuidar da casa, marido e filhos, sendo o seu espaço somente o doméstico/privado, papeis ainda reproduzidos na atualidade. No caso dos homens, no entanto, o desemprego impossibilita a concretização dessa tarefa, o que os faz adotar diversas estratégias para serem absorvidos pelo mercado de trabalho, sendo frequente o insucesso deles. Diante disso, e da pressão por não cumprirem com os deveres instituídos, migram de cidade e/ou saem de casa, cenário que pode explicar parte do número de homens em situação de rua.

Quanto às mulheres, Ximenes, Esmeraldo e Xavier (2020) observam que elas são duplamente expostas aos riscos inerentes ao espaço das ruas em razão do seu gênero, especialmente quando desacompanhadas. De acordo com essas autoras, nas ruas mantêm-se e reproduzem-se as estruturas e dinâmicas da vida doméstica,

inclusive as formas de trabalho desiguais e a opressão sexual, análise feita também por Silva (2009) e Tiene (2004).

Nesse sentido, “a condição de ser mulher e de assumir um modo de vida que desafia a perspectiva tradicional de família, faz com que as formas de opressão se amplifiquem no seu cotidiano” (XIMENES; ESMERALDO; XAVIER, 2020, p. 181). Situação observada por Tiene (2004), que analisa que as mulheres em situação de rua, embora reproduzam o machismo e adotem comportamentos tidos como masculinos, como a bebedeira e uso de drogas, se veem obrigadas a se sujeitarem sexualmente aos homens em troca de proteção, o que faz com que essas mulheres carreguem em seu corpo e psicológico as marcas desse lugar e desse modo de vida.

À vista disso, entendemos ser a junção do papel histórico e cultural imposto às mulheres com o medo da violência sexual a razão principal das mulheres não optarem pelas ruas como estratégia de sobrevivência, o que pode explicar o fato de estarem em menor número nessa situação.

No que diz respeito à orientação sexual dos usuários do Centro Pop Centro, a pesquisa revelou que a maioria, 94% (288 usuários), se declara heterossexual, em face de 3% (10) que se declara bissexual, bem como homoafetivo (9). Das 549 fichas, 242 não tinham essa informação, o que demonstra que a quantidade de usuários LGBTQIA+ do Centro Pop Centro pode ser maior.

Conforme observam Medeiros, Amorim e Nobre (2020), ainda são poucas as informações sobre as questões de gênero e diversidade sexual no contexto da população em situação de rua, no Brasil e fora dele. Os estudos existentes foram realizados predominantemente nos Estados Unidos, com enfoque nas características sociodemográficas de adolescentes e jovens LGBTQIA+ em situação de rua, revelando serem a violência física, o abuso sexual, os conflitos familiares, devido à quebra do padrão heteronormativo, as principais razões que levam esse grupo a essa situação, igualmente constatadas pela literatura brasileira (GARCIA, 2013; CAMPOS; MORETTI-PIRES, 2018, MEDEIROS; AMORIM; NOBRE, 2020).

Ainda segundo Medeiros, Amorim e Nobre (2020, p. 08), as pessoas LGBTQIA+ “sofrem na própria pele as recusas e violências ao sustentar seus modos de ser e experienciar a sexualidade”, analisando de forma semelhante à Campos e Moretti-Pires (2018) que esse grupo, se comparado ao heterossexual em situação de rua ou não, é mais suscetível à violência física e sexual, ao uso de substâncias psicoativas, aos maus-tratos e à realização de atividades sexuais em troca de alimento, droga, abrigo e/ou dinheiro, estando, pois, duas vezes mais vulnerável na situação de rua.

Em relação à etnia/raça dos usuários do Centro Pop Centro, os dados apontam que 57% (283) se declaram pardos, 25% (124) negros e 15% (73) brancos, enquanto apenas 3% (13) informam ser indígenas. Reunindo os conjuntos de pardos e pretos, é possível constatar que esses usuários são, em sua maioria, negros, totalizando 82% da amostra. Das 549 fichas, 56 não possuíam essa informação.

O resultado ora apresentado é análogo ao da Pesquisa Nacional, que demonstra ser a população em situação de rua formada principalmente por negros (pardos e pretos); e, ainda, semelhante ao perfil populacional do estado do Maranhão, constituído predominantemente (76,2%) por pessoas pretas ou pardas, a terceira maior população de negros do Brasil, atrás somente do Pará (76,8%) e da Bahia (76,3%) (SILVA; GOES, 2013).

Consoante Osorio (2021), classe e raça são indissociáveis, sobretudo no Brasil, onde as relações-étnico-raciais são atravessadas pelo racismo, prática histórica/social ideológica ligada aos brancos (NOGUEIRA, 2017), que persistentemente subjuga, violenta e criminaliza a população negra com o propósito único de saciar os interesses sociais e econômicos das classes ricas (MADEIRA; GOMES, 2018, p. 464). Desse jeito, são os negros que mais intensamente sofrem o que Osorio (2021) chama de ciclo de desvantagens cumulativas, expressas por diferentes indicadores sociais.

Na educação, por exemplo, “os negros são os brasileiros com menor escolaridade em todos os níveis e enfrentam as piores condições de aprendizagem e maior nível de defasagem escolar” (SILVA, 2013, p. 17), desigualdade que também

se mantém em outras esferas, destacando-se aqui a do trabalho, haja vista que a desocupação, a subutilização da força de trabalho e a informalidade atingem mais intensamente a população negra (IBGE, 2019). Realidade que se torna mais preocupante quando realizado o recorte por categoria de rendimento, que demonstra ser o ganho das pessoas pretas ou pardas menor do que o das pessoas brancas, tanto na ocupação formal, como na informal (IBGE, 2019).

Quanto ao local de origem dos usuários do Centro Pop Centro, os dados indicam que a maioria dos usuários da Unidade, 47% (231), advêm da região metropolitana de São Luís, ao passo que 27% (136) dos usuários são oriundos do interior do estado e 25% (125) são provenientes de outros estados, tendo-se apenas 1% (4) natural do exterior. Das 549 fichas analisadas, 53 não tinham essa informação.

À vista desses dados, inferimos ser a maior parte dos usuários do Centro Pop Centro procedente do mesmo local em que se encontra, ou ainda de locais próximos, não caracterizando, portanto, expressão imediata do processo de migração campo-cidade, mas sim fruto dos problemas urbanos ocasionados pelo capitalismo, como o aprofundamento do desemprego, das desigualdades sociais e da pobreza.

No que se refere à religião, os dados mostram que 43% dos usuários da Unidade se declararam católicos, 28%; (138) protestantes e 27% (137) não possuem religião, sendo que 2% correspondem à categoria “outras”, constituída por: Espírita (6), ecumênica (1) e Budista (1). Do total de 549 fichas cadastrais, 50 não tinham essa informação.

Os maiores percentuais, quais sejam 43% e 28%, correspondem aos dados do Censo 2010, o qual demonstra que grande parte dos brasileiros se identifica como cristão e pertencente à alguma religião. No que se refere ao assunto, Guimarães (2010) traz os seguintes questionamentos:

> Qual o significado dessa religiosidade, do sentido de Deus para essas pessoas que se encontram na situação de morar nas ruas? Será pura ilusão e uma forma de mascarar a realidade doída? Será uma alienação de seus direitos e um conformismo com a situação de rua? Será que podemos entender também essa religiosidade como uma fonte de energia psíquica vital para a continuidade da sobrevivência dessas pessoas? Será que a religiosidade pode ser uma alavanca nos projetos futuros dessas pessoas

> incentivando-as a sair dessa situação de miséria social? A religiosidade se liga a uma busca de sentido? (GUIMARÃES, 2010, p.85).

A supracitada autora observa que ser humano é essencialmente movido pela busca do sentido, o que o diferencia de todos os outros animais. Essa busca, geralmente, associa-se à religião/religiosidade, que nos grupos sociais menos favorecidos e marginalizados é ainda mais latente, aparecendo como elemento de importante subjetividade.

No caso específico da população em situação de rua, Sarto (2017) considera ser a religião uma válvula de escape, que oferece esperança, conforto e satisfação emocional. Sendo ainda “uma forma de aliviar a culpa do estigma, condensada em sua identidade enquanto grupo e, também, anteparo para seguir firme nos desafios e ameaças que a vida nas ruas impõe” (SARTO, 2017, p. 130).

No que se refere ao acesso a Programas e Benefícios Socioassistenciais, antes do atendimento na Unidade, os dados revelam que a maioria 74% (248) dos usuários não era abrangida por Programas e Benefícios Socioassistenciais. Esses mesmos dados mostram que apenas 26% (86) acessavam políticas sociais antes do atendimento na Unidade. Das 549 fichas analisadas, 215 não tinham essa informação.

As políticas sociais, embora não sejam capazes de acabar com as desigualdades sociais e as estruturas de classes sociais, são instrumentos de realização de direitos sociais, que possibilitam “uma redistribuição maior da riqueza socialmente produzida (SILVA, F., 2012, p. 174). No entanto, a cobertura e abrangência das políticas sociais têm profundos limites, que deixam parcelas significativas da população de fora, como a população em situação de rua, que enfrenta restrições sob diversas formas em razão de suas características e perfil.

De acordo com Silva (2009, p.174), as chamadas exigências formais para acesso aos programas que dão corpo às políticas sociais geralmente constituem limites às pessoas em situação de rua”. Para a referida autora, a requisição de documentos de identificação pessoal e de endereço domiciliar integram essas exigências.

Ainda de acordo com a referida autora, as restrições de acesso aos não domiciliados fazem parte da maioria das políticas sociais, o que evidencia que a seletividade caracteriza tais políticas, que tem como objetivo a não ampliação de direitos, a partir de regras e critérios que decidem quem acessa ou não a esses. Diante disso, comungamos com Silva (2009), que entende ser necessária a formulação e aperfeiçoamento das políticas públicas para que sejam acessíveis e eficazes à população em situação de rua.

5 CONCLUSÃO

O (re)conhecimento da quantidade de pessoas em situação de rua, bem como, de dados relativos ao perfil socioeconômico, político e cultural desse segmento populacional é de fundamental importância, particularmente no contexto da dupla pandemia que assola o Brasil. As pesquisas, são, portanto, fundamentais para configuração dessa população, uma vez que essa é constituída, por um grupo populacional multifacetado, composto por indivíduos que geralmente, possuem em comum a pobreza extrema, vínculos familiares fragilizados ou rompidos; que não possuem moradia convencional regular, bem como, emprego formal. E, que, dadas essas particularidades, necessitam ser (re) conhecidos socialmente.

A partir dessa compreensão, apresentamos no presente ensaio teórico, os dados parciais advindos da pesquisa que visou traçar o perfil socioeconômico da população em situação de rua atendida pelo Centro Pop da região central de São Luís/MA. Os resultados aqui apresentados demonstram que a população usuária do Centro Pop do centro da cidade de São Luís é constituída predominantemente por homens, em idade produtiva, que na sua maioria, está excluído do mercado formal de trabalho, tendo essa situação agravada pelo fato de que a grande maioria possui baixa escolaridade. São pessoas que se declaram heterossexuais em sua maioria, sendo necessário destacar que na ficha cadastral, o campo sobre a orientação sexual não foi preenchido, caracterizando uma incompletude que indica que pode haver um número muito maior de pessoas homoafetivas, bissexuais.

No que diz respeito as configurações de raça/etnia, os dados demonstram a existência de quantitativo substancial de negros (pardos e pretos), que, juntos, somam um total de 82%. Em sua maioria, são pessoas que afirmam professar uma religião, em sua maioria cristã. São oriundas da cidade de São Luís, da região metropolitana, ou de municípios próximos, configurando-se como expressão dos problemas urbanos ocasionados pelo capitalismo, como o aprofundamento do desemprego estrutural, das desigualdades sociais e da pobreza. Ademais, apesar da condição de extrema vulnerabilidade socioeconômica desse segmento populacional, a grande maioria não dispunha de acesso aos programas ou benefícios socioassistenciais no período anterior ao atendido pelo Centro Pop da região central de São Luís/MA.

Tais dados, que permitem uma caracterização preliminar dessa parcela da população de rua existente em São Luís (MA), podem contribuir com outros levantamentos que venham a ser realizados em âmbito local, estadual ou nacional e podem subsidiar ações voltadas para esses homens e mulheres, considerando as suas particularidades. Ademais, faz-se necessários novos estudos e pesquisas acerca dessa expressiva parcela da população, particularmente no contexto da dupla pandemia em curso no país.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua: síntese dos resultados. In: _____. **Rua: aprendendo a contar** – Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua. Brasília: MDS, 2009.

CAMPOS, D. A. de; MORETTI-PIRES, R. O. Trajetórias sociais de gays e lésbicas moradores de rua de Florianópolis (SC) em 2016. *In* **Estudos Feministas**. Santa Catarina, v. 26, n. 2, p. 1-16, 2018.

COSTA, Ana P. M.; SILVA, M. B. População em situação de rua: desafio às políticas públicas brasileiras. In: MENDES, J. M. R.; PRATES, J. C.; AGUINSKY, B. G. (org). **O sistema único de assistência social:** as contribuições à fundamentação e os desafios à implantação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: Moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. *In:* BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da Rua:** Nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p. 139 – 171.

ESPÍNOLA, F. A. L. **Fatores determinantes da evasão escolar no ensino médio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Guarabira, Universidade Estadual da Paraíba, 2010.

GARCIA, Roberto Vieira. Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade ao HIV/AIDS. *In* **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, p.1005-1019, 2013.

GUIMARÃES, A. G. C. de. **A religiosidade de moradores de rua da cidade de Belo Horizonte**: uma via de subjetivação. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_GuimaraesAG_1.pdf Acesso em: 09 ago. 2021.

HASENBALG, Carlos. SILVA, Nelson Valle. (org). **Origens e Destinos**: desigualdades sociais ao longo da vida. Rio de Janeiro: Toobooks, 2003.

HONORIO, L. R. O. **Fatores que contribuem para a reincidência da população em situação de rua:** estudo de caso no centro de referência especializado para população em situação de rua (Centro Pop) no município de Araranguá/SC. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Educação, Direitos Humanos: escola, vivência e defesa de direitos) – Araranguá, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, p. 1-12. IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 07 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em 17 jul. 2021.

MADEIRA, Z.; GOMES, D. D. O. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. *In* **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.154. Acesso em: 17 jul. 2021.

Medeiros, L. P., Amorim, A. K. de M. A., & Nobre, M. T. Narrativas LGBT de pessoas em situação de rua: repensando identidades, normas e abjeções. *In*: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 15(1). São João del-Rei, janeiro-março de 2020. e1889.

NATALINO, M. A. C. **Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2016.

_____. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)**. Brasília: Ipea, 2020. (Nota Técnica, n. 73). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10074/1/NT_73_Disoc_Estimativa%20da%20populacao%20em%20situacao%20de%20rua%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

NOGUEIRA, Fábio. Governo Temer como restauração colonialista. *In* **Le Monde Diplomatique Brasil**, Rio de Janeiro, ano 10, ed. 114, p. 4-5, jan. 2017.

OSORIO, R. G. **A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas**. Brasília: Ipea, 2021. (Texto para Discussão, n. 2657). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10623/1/td_2657.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32p. *E-book*.

SARTO, Giovanna**. Religiosidade marginal**: um estudo da religião e caridade na vida de moradores de rua de Juiz de Fora. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Interdisciplinaridade em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: http://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/GIOVANNA-SARTO.pdf. Acesso em 07 ago. 2021.

SILVA, M. L. L. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, T. D.; GOES, F. L. **Igualdade racial no Brasil**: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes. Brasília: Instituto de Pesquisa Aplicada – IPEA, 2013.

SILVA, M. M. **A concepção da política de assistência social e sua efetivação em municípios goianos**: o novo jargão e o conservadorismo renitente. Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/17309. Acesso em: 13 jul. 2021.

SOUSA, A. G. L. **"Eu sou de rua, mas também sou gente"**: intersubjetividade e construção de identidades dos indivíduos em situação de rua de João Pessoa-PB. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em:

https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11303. Acesso em: 20 jul. 2021.

TIENE, Izalene. **Mulher Moradora na Rua**: entre vivências e políticas sociais. Campinas: Alínea, 2004.

XIMENES, V. M.; ESMERALDO, A. F. L; XAVIER, N. F. Mulheres e estigmas: contexto em situação de rua e contexto de violência conjugal. *In* **Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos** [livro eletrônico]: estudos do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Ceará (FC) / organizadores João Paulo Barros, Deborah Christina Antunes, Ricardo Pimentel Mello. – Fortaleza: imprensa Universitária, 2020. p. 182. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/James-Moura-Jr/publication/343669636_Interseccionalidade_como_estrategia_metodologica_articulacoes_entre_genero_raca_e_pobreza/links/5f37433192851cd302f7b3bd/Interseccionalidade-como-estrategia-metodologica-articulacoes-entre-genero-raca-e-pobreza.pdf#page=176. Acesso em 10 ago. 2021.